

“A DEMARCAÇÃO DO TERRITÓRIO INDÍGENA, NA MINHA CONCEPÇÃO, ISSO SIGNIFICA A RETOMADA DA VIDA”: ENTREVISTA COM AS LIDERANÇAS INDÍGENAS FEMININAS DO ESTADO DO PIAUÍ.

HELANE KAROLINE TAVARES GOMES

Mestra em Antropologia e Arqueologia - Universidade Federal do Piauí

Email: helanetvares@hotmail.com

CINTHYA VALÉRIA NUNES MOTTA KÓS

Doutoranda em Estado e Sociedade - Universidade Federal do Sul da Bahia

Email: cinthyakoss.antro@gmail.com

CRISTHYAN KALINE SOARES DA SILVA

Mestranda em Antropologia - Universidade Federal do Piauí

Email: cristhyankaline@hotmail.com.br

REVISTA ZABELÊ

DISCENTES PPGANT - UFPI

No dia 23 de julho de 2022 o município de Uruçuí sediou a III Assembleia dos Povos Indígenas do Piauí. De acordo com a assessoria de comunicação da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Geral e Espírito Santo (APOINME) o evento, realizado no auditório do Clube de Pescadores Z 13, reuniu aproximadamente 200 indígenas pertencentes etnias Tabajara Tapuio Itamaraty, Tabajara, Kariri, Gueguê e Gamela, presentes em solo piauiense. O evento contou com a presença de representante e órgãos federais e estaduais como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Defensoria Pública do Estado, representantes da Secretaria de Educação Estadual, Universidade Federal do Piauí(UFPI), estudantes e pesquisadores, bem como os coordenadores executivo e jurídico da APOINME, Cassimiro Tapeba e Jorge Tabajara, respectivamente.

A assembleia teve como objetivo central a promoção do fortalecimento da cultura, identidade e contextualização do movimento indígena do Estado do Piauí nos últimos anos. Durante a III Assembleia dos Povos Indígenas do Piauí as lideranças de cada povo, abordaram o contexto geral das comunidades indígenas, as principais conquistas coletivas e demandas, alicerçadas nas temáticas território, saúde e educação. Foi realizada, em assembleia, a eleição da nova coordenação da micro regional da APOINME no Piauí.

Na ocasião foi possível entrevistar as lideranças femininas presentes no evento. Os diálogos travados se transformam em conversas a medida em que vários atores contribuíram com as respostas das questões pensadas previamente pelas organizadoras dessa edição da Revista Zabelê¹. Por meio de nossos questionamentos almejávamos apresentar um panorama geral acerca das lideranças femininas de cada etnia presente no Estado do Piauí, contemplando a trajetória das mulheres indígenas, sua organização política e situação atual dos povos indígenas no Piauí, principais desafios e reivindicações. Dessas conversas surgem assuntos transversais a todas as mulheres entrevistadas, a importância da de-

¹ As entrevistas, formuladas coletivamente pelas organizadoras da presente edição da Revista Zabelê, foram concedidas a Helene Karoline Tavares Gomes.

marcação do território, da educação escolar indígena, da disponibilidade de insumos para a agricultura familiar e o artesanato. As transcrições aqui apresentadas refletem os anseios presentes na retórica potente dessas mulheres indígenas.

Zabelê: *Sobre as mobilizações indígenas femininas eu gostaria que a senhora contasse um pouco da trajetória, dos caminhos percorridos e conquistas, para podermos iniciar a nossa conversa começando com sua apresentação, com nome, idade, comunidade e povo.*

Lucinete: *Meu nome é Lucinete Maria do Nascimento. Sou liderança indígena do povo Tabajara Tapuio Itamaraty da comunidade Nazaré do município Lagoa de São Francisco.*

Dona Deusa: *Eu sou Deuzeni Pereira dos Santos, tenho sessenta e quatro anos e sou da comunidade Sangue do povo Gueguê do município de Uruçuí.*

Dan: *Eu sou Maria da Conceição de Sousa, sou indígena dos Caboclo Baixa Funda, da etnia Gamela. O meu povoado, a minha comunidade fica aqui perto de Uruçuí a noventa e oito quilômetros de distância. Estrada boa. Boa, porque os proprietários, latifundiários de perto de lá fizeram a estrada pra bater no município.*

Aramires: *Meu nome é Aramires Hingrid Moreira Sousa, tenho trinta e um anos e sou da comunidade Itacoatiara do povo Tabajara de Piripiri.*

Clarisse: *Me chamo Clarisse de Alves Sousa. Eu sou representante das mulheres indígenas Gamela. Não é só das mulheres, mas como do povo todo do Pirajá, a família indígena toda do Pirajá eu sou como cacique, sou representante deles. E aí nós somos uma família muito humilde. Nós precisa*

de muita coisa lá na nossa comunidade. Como um trator para dar nossas terras. Uma máquina pra descascar nosso buriti. Que é a bandeira de lá do Pirajá é um pé de buriti. E aí nós precisamos de muitas coisas pra nos ajudar. Precisamos de um galpão pra nossas mulheres indígena que somos quarenta e nove mulheres que está na associação que eu formei. São muito humilde. Elas precisa de bordar, de costurar, de costura, de picotar o crochê e nós não tem condição. Aí eu peço ajuda de vocês que se pode nos ajudar.

Francisca Kariri: *Maria Francisca Pereira Ferreira, cinquenta e quatro anos, sou da comunidade Kariri da Serra Grande e sou do povo Kariri.*

Zabelê: *Gostaria que você falasse um pouco sobre a sua trajetória no movimento indígena. Como você se tornou liderança indígena?*

159

Lucinete: *Antes eu já tinha, digamos, uma certa liderança, aqui na comunidade porque por muito tempo eu fui dirigente da igreja, fui também presidente da associação da Kolping local e esse reconhecimento indígena, ele só me fortaleceu como pessoa e como liderança também dentro da comunidade. Por eu já ter uma certa forma de liderança, isso só veio fortalecer, cada vez mais. E com relação a essa questão do território, pra mim, é um fortalecimento cada vez maior, porque com esse reconhecimento do território eu vou ter a minha raiz definitiva e fincada aqui dentro da comunidade. [...] Falar da trajetória do movimento indígena. Isso pra mim é muito forte, porque desde criança o meu tio Antônio Niza, ele sempre conversava comigo e ele falava muito dessa questão da gente ser descendente, da nossa descendência indígena. Ele fazia questão de contar toda essa história que a gente conta hoje, ele fazia questão de contar pra gente e assim, isso pra mim é uma coisa muito forte que tem momentos que eu não consigo nem definir, nem explicar porque eu sinto tudo isso, mas é uma*

questão que pra mim é muito emocionante e ainda é muito dolorosa, porque no momento que eu começo a falar me vem na mente tudo o que as pessoas, os meus antepassados viveram pra que pudesse hoje a gente está sobrevivendo, né, porque o que a gente sabe é que eles se calaram pra que a gente pudesse viver hoje. E passaram por muitas situações difícil, muito difícil e assim, uma das coisas que me marca muito, me emociona e que ainda hoje dói muito é essa questão de que os meus antepassados foram da época do colar de orelha, né, onde os caçadores, os capitão do mato, como eram chamado na época, saiam pra caçar os indígenas como que eles fossem bicho bruto e cada um ganhava por cabeça. Cada caçador matava o indígena, cortava as orelhas, enfiava no cordão e colocava no pescoço. Então eles ganhavam mais por cabeça, quem matasse mais ganhasse mais, ou seja, quem tivesse o colar maior era quem ganhava mais porque tinha matado mais indígena e isso pra mim dói muito. [...] Outro ponto que pra mim é muito forte são os saberes que o meu pai transmitiu pra gente. O meu tio Antônio Niza, como eu já falei lá no início, ele contava muito essas histórias pra gente e meu pai também teve essa contribuição muito grande. Quando meu tio faleceu a gente focou mais também na questão de estar conversando com meu pai. Como ele era mais calado a gente precisava perguntar pra ele, o que a gente queria saber a gente perguntava pra ele e ele deu muita informação. Muita coisa ele repassou pra gente. Muito do que a gente faz hoje foi dos ensinamentos que ele repassou pra gente e uma das coisas muito forte que ele sempre dizia é que a gente precisa ouvir os mais velhos e quando ele tava vivo os filhos, os netos ficavam ao redor dele pra perguntar, pra ouvir e ele gostava muito de contar história e ele gostava muito de contar história e isso é uma coisa que me marca muito, por conta de que era um prazer muito grande quando a gente sentava junto com ele naquela roda de conversa onde ele ia contar as histórias, contava adivinhação e com isso a gente aprendeu muito. E assim, hoje a gente tem a cultura de fazer a fogueira e ficar lá conversando. Isso

foi um saber que ele repassou pra gente. Foi uma lição de vida que ele repassou pra gente. Então, assim, na trajetória da formação indígena o meu pai teve uma contribuição muito grande nesse resgate da nossa história porque ele nos ensinou muito, nos deu muita informação e ainda dói muito a perda dele, há um ano atrás e o movimento indígena local também perdeu porque tudo que a gente queria saber com relação a questão a gente corria pra ele e ele contava pra gente, dava essas informações. Aí a gente agora fica às vezes se perguntando, será se ainda tinha alguma coisa que faltava ele dizer pra gente, né, mas eu acredito que se tiver que ter alguma outra informação a gente vai ter. Eu só queria falar esse ponto da contribuição que ele deu muito pra o nosso movimento indígena.

Dona Deusa: *A minha trajetória no movimento indígena é todos os dias. Todos os dias nós temos grupo de movimento, todos os dias tentando de qualquer forma ajudar. Ajudar batalhando por cesta básica, batalhando por vacina que graças a deus não faltou pra os gueguê aqui em Uruçuí. A vacina, teste, de covid, que agora só se fala em pandemia. Quando eu posso ajudar uma pessoa que tá com um problema de saúde, ajudar de qualquer forma, pra viagem, a gente se une e eu paro pouco na minha casa. Eu viajo pra Teresina atrás de resolver esse problema do nosso território, eu viajo para Brasília, eu faço de tudo um pouco porque não temos recurso, precisamos de mais recursos pra dá conta dessa trajetória toda, mas o que tá ao meu alcance eu consigo. Eu vejo aqui nas secretarias do município, educação, saúde que é muito difícil. Por isso que tivemos essa Assembleia dos Povos Indígenas pra que nós possa contar com a saúde indígena e a educação indígena, com um posto da FUNAI em Teresina. Por que tudo muda pra nós, tudo melhora e o foco da Assembleia é saúde e educação indígena pra gente melhorar dentro desse Estado como ser humano. Pra gente se sentir digno como ser humano tendo a onde o nosso povo faça uma consulta com mais especialista, tenha maiores especialidades.*

Quanto a educação para os nossos filhos, netos e adultos também que queiram voltar a estudar. Essas são as minhas palavras e muito obrigado. [...] Eu me tornei uma liderança indígena, fundei uma Associação. Eu sou fundadora da Associação APISUL, Associação dos Povos Pró-Índios do Sangue em Uruçuí. Associação pra mim ser mais vista. A mobilização com Associação é sempre melhor porque somos um grupo tanto de mulher quanto dos homens gueguês. Eu passei a ser cacica aqui. Viajamos. O conhecimento se tornou maior nas minhas viagens e pra titularização desse território, eu tive mais poder, porque hoje eu chego no INTERPP², na FUNAI e eu num sou só a Deuzeni, eu sou uma liderança indígena, presidente da Associação APISUL. A gente é melhor visto, como diz a história, porque eu tô representando uma aldeia indígena. Eu num tô representando só a Deuzeni e isso mudou muito, muito. Em qualquer lugar que eu chego eu sou bem vista, porque eu represento uma comunidade indígena.

***Dan:** Eu tenho uma história no movimento sindical, vinte anos na luta, no movimento sindical, no movimento dos trabalhadores rurais e mais mesmo sabendo, a minha etnia já era caboclo, né, porque desde 2005 que a gente teve a necessidade de conhecer a nossa etnia, o nosso direito indígena. Daí eu já comecei movimento sindical fazendo a luta social, a mesma luta dos indígenas, porque não tem diferença, porque a diferença que tem é porque tem um nome sindicalismo e a outra diferença somos caboclos gamelas, né. Mas a mesma reivindicação do nosso território de terras, saúde, educação, também o nosso reconhecimento como indígena, é eu acho que pra mim foi uma luta só e aonde tivemos conhecimento. E quando resgatamos a história indígena, a gente sofreu um grande, um pouco, racismo, das pessoas, que passavam, aí eu não sabia que tinha ainda. Sabia sim. Que esse território ele já era indígena. Quem destruiu a vida dos indígenas foi o homem branco que veio criar*

² Instituto de Terras do Piauí.

essa cidade de Uruçuí onde levou toda a tragédia. A morte dos índios, expulso dos caboclos e vai. Por isso que hoje, a gente sofreu esses racismo, mas hoje a gente tá sendo já reconhecido e respeitado pelo movimento, a necessidade de ter, de se unir forças e ser declarado e não ter vergonha de dizer que é caboclo indígena Gamela de Uruçuí. Por isso nós estamos nessa luta desde 2005 e nós continuamos nessa caminhada. [...]. Eu saí da minha região em noventa e seis, noventa e seis pra cá eu fui suplente, sócia do sindicato, aí eu tirei vários anos de suplência, secretária, secretária e quando foi em 2017 eu assumi uma presidência, mas fazendo. Fui secretária de política agrícola e agrária várias vezes, fui vice-presidente várias vezes, fui suplente por duas vezes. Passei quatro anos. Durante a pandemia eu vim entregar dia dezanove de novembro de dois mil e vinte e um. Mas eu realizei o sonho que eu queria que era, era o sindicato ter uma casa olhada como uma empresa e ela era uma casa olhada aquela casa velha. E eu queria que ela fosse olhada como uma empresa, tudo tinha. Lá tem tudo, se você precisa escanear bem computador tem carro tem, câmara tem casa boa tem, é isso que eu queria. Eu entrei no sindicato já corrida do lado do latifundiário, em 1995 nós voltamos a ocupar nosso território. E aí o local sempre morando numa terra dizendo que alguém era dono e nunca foi dono e nem é dono. Nessa mesma terra nós só saímos de lá, do nosso território e passamos para esse outro lado do rio e lá eu saí com a idade oito anos e quando eu vim sair desse território meu pra cá, foi ocupado uma fazenda em 1995, ele botou meio mundo de polícia para matar a gente. [...] Ele chegou lá em 1976, como fazendeiro de gado, de plantio de mandioca. Botou fogo lá, nós só saímos através do fogo. Queimou tudo e nós saímos para o outro lado. E aí dessa carreira eu vim pro sindicato. A igreja também me deu um grande apoio, a CPT³. [...] E aí por isso a gente e eu tive a carreira do movimento sindical pra defender a categoria. E ainda hoje, na luta indo e vamos continuar crescer. Ai

³ Comissão Pastoral da Terra.

fiz formação política, fui descobrindo que aquele território era meu porque as pessoas antigas morreram minha mãe ficou, minha mãe ficou contando a história e quando foi em 1995, já através do INCRA⁴ e descobriu vocês são índios. Eu fui atrás da história e descobri e dei entrada em Fortaleza com o pedido de reconhecimento, em 95 nós ocupamos, eu saí de lá pra não morrer. Por que o latifundiário foi lá pra casa pra me matar. Eu com minhas três filhas. Por isso saí de lá e vim pra cá. Cheguei aqui e continuo uma história. Ocupamos uma fazenda chamada Saponga que é essa do Assentamento Rural Flores e lá a gente, eu tive que, como ele não desapropriou a Fazenda Saponga, ele desapropriou a Fazenda Santa Tereza do Elmar, influência política. E lá botou a gente, aí desde 1999 que nós somos assentados nesse local, mas a luta continuamos tanto como sindicalista como indígenas sendo resgatando as duas histórias.

***Aramires:** Eu sou secretaria da Associação indígena. Participo nessa função. Falando um pouco da minha história, faz uns quatro anos que eu participo do movimento, seu Zé Guilherme sempre me convidava pra mim se autodeclarar, porque muitas pessoas tinham esse medo. Eu tinha esse medo pelo preconceito, de se auto declarar e também por falta de reconhecimento mesmo. Aí o seu Zé Guilherme fez o convite pra mim tá participando da associação e pela também a família, porque a minha família tem a descendência, só que a minha avó por parte de pai, eu sempre perguntava pra ela, se era, se não era, e ela dizia que nós tinha as misturas com caboclo e com os índios e por causa disso eu ficava assim, com receio de me autodeclarar [...] Eu queria me autodeclarar por ser e não por pensar assim no ter, não vá lá, se declare porque ganha cesta, porque ganha isso, porque ganha aquilo, mas na minha intenção, no meu sentimento eu não queria isso. eu sei que é um direito, só que pra mim não seria o ponto principal. É como se fosse um complemento. Você se autodecla-*

4 Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

rou e com o decorrer do tempo, da sua caminhada no grupo participando, você ganhar uns direitos e aqui em Piripiri é o contrário. [...] Eu queria participar porque quando a gente se identifica é como se fosse um estilo de vida, porque você tá num grupo que você se identifica e você gosta, também tem isso. [...] Seu Zé Guilherme me convidou pra a associação e eu já entrei como secretária e hoje eu sou só atuante e participo do movimento de acordo com minha disponibilidade e me encontrei. Realmente a gente se arrupia, é uma coisa que você não sabe explicar, é como se você tivesse se encaixado num quebra-cabeça, você se encaixa no quebra-cabeça, você se identifica e estou gostando muito de participar, contribui, conhecer muitas pessoas novas que cada dia mais estão se declarando e se identificando, assumindo realmente pelo ser, não pelo ter.

***Clarisse:** Começou por minha mãe. E minha vó foi pego a troco de cachorro, é índia, era caboclo. E aí começou a família indígena. Quem quem deu fé dessa família nossa foi o cacique Henrique, que ajudou nós lá, manda merenda pra nós, ajuda nós, vai lá, tem reunião. Aí nós formo essa essa associação. [...] Conhecemos o seu Henrique, tá com um ano que nós conhecemos ele. Ele foi fazer uma visita no Uruçuí e ele passou lá em casa. Descobriu nossa família disse que nós era escondida. O que fez a gente formar essa associação foi o sofrimento que nós já tivemos lá.*

***Francisca Kariri:** A gente já nasce com um espírito de liderança. Desde muito tempo eu já participava de algum desenvolvimento pra comunidade, de conhecimento, antes mesmo da gente se alevantar a voz como indígena. Sempre ficava na linha de frente de levar os conhecimentos a comunidade e buscar conhecimento para a comunidade. Hoje nós temos um território demarcado e uma comunidade documentada, já é uma grande mudança e dentro dessas mudanças a gente vai trabalhando as outras mudança para a comunidade.*

Zabelê: *O que levou o seu povo a se organizar politicamente e a reivindicar a identidade indígena?*

Lucinete: *A questão da organização politicamente, um fato que é interessante, que fez com que a gente levantasse essa bandeira é a questão de está buscando os nossos direitos, porque assim, como a gente já viveu, a gente já silenciou por muitos anos e querendo ou não é através da organização política que se busca os direitos, então a gente precisa, de certa forma, não tá brigando com questão política partidária, mas a gente precisa ter uma política partidária para que a gente possa ter um mecanismo de está buscando os nossos direitos.*

Dona Deusa: *Durou muitos anos essa tentativa de mobilização e já que os homens não se manifestaram eu resolvi, porque também sou a filha mais velha da minha mãe e vi toda história com o sofrimento da minha mãe, da minha avó, das minhas tias, eu vendo o sofrimento delas como mulher indígena que não podiam nem falar que eram indígenas, por isso eu resolvi enfrentar essa luta. Como mulher indígena e hoje sou cacica indígena aqui, dos gueguê. [...] O que levou o meu povo, todos nós, tanto homem quanto mulher indígena a se manifestar politicamente foi o quanto nós sofremos. O sofrimento de a gente não ter onde trabalhar, não ter recurso pros nossos filhos, ver os filho da gente estuda até o ensino médio, quando querem se formar ir pra Teresina ou pra qualquer local que passa no vestibular, pra fazer uma melhor carreira na sua vida, uma formatura melhor, a gente não tem recurso. Então tudo isso fez com que a gente novamente recorresse a luta pra conseguir os nossos direitos.*

Dan: *Nós ficamos sabendo que era Caboclos Gamela por um estudo de onde nasceu todos os cablocos de lá, ainda existe cabloco lá, ainda. Lá tem encantado, alguns ver, outros não e lá o povo só chamava caboco, caboclo, cabo-*

clo. E lá nós temos toda história indígena, temos o cemitério, vários massacres, várias sepulturas, cemitérios demarcado, lá nós tem tudo. O meu tio morreu matado pelo homem branco que mandou matar, pra ele sair das terras. Por isso nós estamos nessa luta desde 2005 e nós continuamos nessa caminhada. E agora a gente tá nessa luta de reconhecimento, com nós já somos reconhecidos como os cabocos Gamela. E vamos vencer, nós só queremos o nosso território.

Fracisca Kariri: *Olha nós não podia ficar isolado, como vivia, aí despertamos que nós devia se organiza na comunidade e se mobilizar para dizer a sociedade e ao mundo inteiro que no Piauí tinha índio. Então houve a necessidade e foi essa necessidade que nos chamou atenção para nos mobilizar.*

Zabelê: *Houve alguma situação definidora, algum acontecimento específico que ajudou vocês a se reconhecerem enquanto indígena? Quando a mobilização indígena passou a ganhar visibilidade? Algum momento especial impulsionou a mobilização de vocês?*

167

Lucinete: *A questão da visibilidade, eu não digo que seria definidora, mas um ponto que foi um pontapé, assim. Ela foi bem mais ampla, ela foi bem pra longe, porque assim, a gente já tava começando a nossa organização, mas uma situação que deu um avanço muito na questão da visibilidade foi no ano de 2017 com a realização do III Fórum de Museus Indígenas onde aqui a comunidade Nazaré sediou esse fórum, então assim, esse fórum foi um marco que expandiu essa questão da visibilidade do movimento indígena dentro do Piauí. Não digo que um momento especial, mas sim vários momentos, porque durante essa trajetória a gente teve vários acontecimentos que foram nos fortalecendo, que foram fazendo com que a gente despertasse pra essa questão, como o grande diagnóstico que foi feito aqui na comunidade, o apoio da escola*

bíblica, do Centro de Formação Mandacaru de Pedro II e aí, então, quando, a gente de posse de todo esse apoio, de todo esse, digamos, esse apanhado que a gente fazia, dentro da comunidade, eu acredito que a gente estava só esperando o momento certo pra tá levantando essa bandeira. [...] Somando a essa questão da mobilização a gente pode tá juntando a vinda da professora Carmem Lúcia⁵ em 2014 junto com a aluna Ilana⁶, onde ela veio pra reunir a comunidade, pra pedir a permissão para que ela realizasse a pesquisa dentro da comunidade. Isso então somado ao diagnóstico, somado a esses acompanhamentos que a gente teve, esse foi um dos momentos onde a gente chegou e viu que esse é o momento certo, esse é o momento, é agora pra gente levantar essa bandeira. Em 2014, com a vinda da professora Carmem e da aluna Ilana, que foi a primeira aluna que veio pra fazer a questão do estudo da nossa comunidade cientificamente, pra gente tá levantando a nossa bandeira. E é claro, a gente não poderia deixar de falar da questão das visitas, das visitas que a gente tem, dos apoios, principalmente dos apoios individuais, um deles é a questão da Anna, da nossa amiga lá da Itália que faz um trabalho aqui junto com a gente, ela veio e tudo começou a fluir. Mas a gente pode tá definindo um dos marcos, né, com o trabalho que a gente já tinha feito com o diagnóstico, a vinda da professora Carmem Lúcia em 2014, o Fórum de Museus Indígenas e a visita da Anna e tantas outras estudantes que passaram por aqui, tantas escolas que passaram por aqui que só vieram somar junto com a gente.

Dona Deusa: *Sobre a mobilização feminina indígena, aqui nós Gueguês somos uma família muito grande. O momento especial que impulsionou a nossa mobilização, de todos nós povos indígenas, foi ver gente, ver forasteiros, ver o agronegócio tomando conta de tudo que é da gente de direito,*

5 Professora do Mestrado em Antropologia da UFPI e coordenadora do laboratório de projeto nova cartografia social da Amazônia (PNCSA-UFPI).

6 Ex aluna do Mestrado em Antropologia UFPI, doutoranda em Antropologia pela UFPE.

nosso aqui no Sangue e a gente não podia ficar de braços cruzado. Esse foi o momento especial que nos impulsionou a mobilização de todos nós. É ver a pe não ver o que ele pessoa que chega de fora. Eu não sou contra ninguém chegar, mas eu sou contra a pessoa chegar e não vê o que ele tá comprando. Não olhar pra onde ele tá entrando e tomar conta e até dizer pra nós que nós não era de lá do Sangue, nem daqui de Uruçuí. Eu ouvi isso lá em Bom Jesus diante do juiz de direito, viu, por pessoas do agronegócio [...] Houve sim mobilização, por exemplo, fomos ameaçados de entrar no território, porque fomos expulsos dele, lá. Foi muita ameaça, muita confusão, muito problema na justiça, viagem pra Bom Jesus, pra vara agrária, viagem para Brasília, uma mobilização total. Foi muito difícil... mas eu nunca baixei minha cabeça e nem deixei com que meu povo baixasse a cabeça. A gente anda sempre juntos.

Dan: *Teve assim, nós fazendo reuniãozinha na comunidade e chamando eles. Nós somos índios? Somos. Nós somos cabocos? Somos. E por isso a historia hoje tá grande. E também as ajudas que a gente teve o conhecimento, Também o que levou nós foi as nossas ajudas que a gente teve, os nossos companheiros da UESPI, como a Carmen, o João Paulo⁷. Já, nós chamando o pessoal da APOIMNE, porque nem o prefeito quis pagar representação nossa não, só dos gueguê. Agora nós se levantamos por nós. Somos muito, você viu ai. [...] Os caboclos antigos que surgiram dessa região, eles foram, nós temos nossos Gamelas em Bom Jesus, em Currais, nós temos também os nossos parentes, saindo daqui de Baixa Grande do Ribeiro, tudo é um rumo só. Nós temos em Araguaína, em Tocantins, São Paulo, Brasília que se identificou. Tá vindo um pessoal de Brasília pra ir pra luta, porque eles tão lá porque foram corrido, num tinha outro lugar, foram despejado e agora eles tão vendo quer a luta tá dando resultado e eles tão voltando pro seu território.*

⁷ Professor de história no IFPI- Uruçuí.

Clarisse: primeiro lugar nos tinham nossas terras na serra e foi tomado e ele disse que não querendo acabar com a família indígena, que diz que no Pirajá não tem indígena, na laranjeira não tem indígenas, diz que vai acabar. Os grileiros da serra, dizendo que vai acabar a família indígenas, mas num acaba não que temos fé em Deus, nós ainda com Deus e nossa família é da raiz, é da raiz. Eu tenho sessenta e seis anos e o que eu digo aqui, minha filha, eu provo. Nós somos sofridora, nós precisa de apoio pra ajudar nós, porque nós somos trezentos e poucas famílias.[...] Daí começaram o negócio da marcação de terra não sei o que aí começaram o povo evadindo. Os grileiros, as fazendas de soja, milho forma invadindo a serra e depois o baixão. Em 2000. Aí eles abraçaram tudo, tanto lá em cima como fazenda e fazendeiro que tem lá desmataram tudo e deixaram a o restinho que ficou embaixo que reserva. E se os indígena passar mendular com a moto a gente ganha bala. Ganha bala. É. E se eles quiser morrer para tudo. Proibiram o povo. Foi daí que começou a nossa organização. O nome da nossa associação é associação das mulheres indígenas do Pirajá. A nossa associação, foi nós mesmos que criamos. Porque o Cicero deu a ideia pra nós. Nós somos 48 mulheres, quando tem reunião nós fica tudo unida. O nome da presidente é Vera Lucia Fernandes de Sousa.

Francisca Kariri: Nós começamos a nos organizar através de uma associação e também o intercâmbio com outros povos, povos Kariri, povos Tabajara, outras comunidades como os de Crateús e também uma parente de São Paulo que veio nos visitar e também os apoiadores que ajudou a fortalecer essa mobilização aqui na comunidade.

Zabelê: Como se organiza internamente seu povo?

Lucinete: A questão da organização politicamente, um fato que é inte-

ressante, que fez com que a gente levantasse essa bandeira é a questão de está buscando os nossos direitos, porque assim, como a gente já viveu, a gente já silenciou por muitos anos e querendo ou não é através da organização política que se busca os direitos, então a gente precisa, de certa forma, não tá brigando com questão política partidária, mas a gente precisa ter uma política partidária para que a gente possa ter um mecanismo de está buscando os nossos direitos. [...] E assim, continuando nessa questão da organização, eu vejo que é um fato primordial e se a gente se manter organizado, se manter unido, é claro que não vai amenizar o sofrimento que os nossos ancestrais, os nossos antepassados tiveram, mas a gente vai tentar, através da organização, buscar uma qualidade de vida melhor pra nós agora no presente e pro nosso futuro também. Só que uma coisa eu percebo que assim, não são todos, mas a gente percebe uma parte de muitos que muitos deles se vitimizam e na minha concepção não é pra ser assim. Não é pra você sentar e esperar que as coisas venham. Você precisa buscar, você precisa definir, saber o que você quer. Se não, não vai adiantar de nada estar no meio de uma organização. Então se a gente já sofre tanto preconceito, tantos direitos são negados e se a gente cruza os braços e fica só esperando, só se vitimando e esperando que outras pessoas façam por você, isso não vai mudar nada. Pra mim nós indígenas temos que ser os protagonistas da nossa história, porque não adianta a gente ficar esperando que os outros façam. Porque só eu sei o que é bom pra mim, o que é importante pra mim, o que vai me tornar uma pessoa digna. Então eu preciso ir em busca, eu preciso fazer e aí assim, a gente vê que isso a gente pode tá modificando, como eu já disse, sendo o protagonista da nossa história, praticando as nossas culturas, botando em prática os nossos saberes, fazendo valer a nossa voz e mostrando pra sociedade que nós temos direitos, temos deveres como o homem branco também tem.

171

Dona Deusa: *A organização interna do meu povo é na cidade. Nós se*

organizamos na cidade de Uruçuí porque não temos nossa terra. Fomos expulsos. Estamos esperando receber em breve... e aí o nosso movimento interno é através da Associação. Hoje estamos fazendo todo esforço pra construirmos uma sede da associação. O nosso movimento aqui é através da associação. A gente se encontra. Nós se encontramos na sede da associação que não é uma sede própria, mas a gente se encontra e resolvemos tudo o que vamos fazer em reunião na sede da associação. A nossa cultura está um pouco parada, porque nós não temos espaço pra continuar com a nossa cultura, mas eu espero que em breve nós tenhamos um espaço cultural aqui em Uruçuí e quando recebermos nossa terra no Sangue todo esse movimento vai passar para o Sangue.

Dan: *Nós temos a associação que era da comunidade, que é dos pequenos produtores da comunidade, ela, a associação tá em dias e nós temos essa associação. Mas nós agora vamos fazer a associação das mulheres indígenas, que tá pedindo que isso aconteça. No Pirajá já tá, acho que são quarenta e oito mulheres indígenas.*

Aramires: *Sobre essa organização internamente, antigamente tinha a Associação, a Joseanne quem presidia e por conta desses interesses, as brigas e mais desavenças vieram por conta disso, por interesse pessoal. Aí o Cícero, seu Zé Guilherme, o Chicão, todos pensamos em se organizar. Seu Jozimar, Francisco, Dejenane, Dona Socorro, Dona Raimunda e a Sandrinha também, pensamos em se organizar para formar uma nova associação, porque a gente percebeu que só com essa associação a gente vai conquistando os nossos direitos, então a gente se organizamos para formar uma nova associação. Porque a associação antiga tinha muitos débitos e seria muito caro pra botar em dia, então a gente se organizou e fez uma nova associação. Através da associação somos organizados. Aí somos oito comunidades e a associação tem as lideranças que*

A demarcação do Território Indígena, na minha concepção, isso significa a retomada da vida: entrevista com as lideranças indígenas femininas do Estado do Piauí

organizam no seu bairro. Se a gente for fazer uma reunião, Cícero coloca no grupo e todas as lideranças são chamadas pra gente debater e reivindicar sonhos.

Francisca Kariri: *Houve sim. Tivemos várias reuniões com os parentes, discutindo sobre as políticas públicas, direitos de povos indígenas, tivemos principalmente as assembleias. Hoje nós já temos a terceira assembleia de povos indígenas no Piauí, isso já foi um grande momento para nós e outras reuniões que aconteceram com os apoiadores dos povos indígenas.*

Zabelê: *O que significa a demarcação e titulação do território indígena para o seu povo (especialmente para as mulheres indígenas)?*

Lucinete: *A demarcação do território indígena, na minha concepção, isso significa a retomada da vida. É porque assim, como nós mulheres, aqui, a gente sempre trabalhou com o artesanato, sempre trabalhou com a questão da terra, né, e de certa forma a gente almeja muito essa terra porque a gente vai ter um local fixo pra dizer hoje eu tenho onde fazer minha roça, eu preciso disso, eu vou buscar lá na minha roça, então pra mim, particularmente, eu acredito que pra muitas mulheres, significa a retomada da vida, porque o que a gente sabe das nossas famílias mais velhas, das nossas avós, das nossas bisavós, é que sempre trabalharam na roça pra ajudar na despeja de casa, então isso é uma coisa a mais. Então repetindo, isso é uma retomada da vida.*

173

Dona Deusa: *O significado da demarcação, titularização, demarcação de terras, do território indígena, especialmente para as mulheres, porque as mulheres são as mais sofredoras, no caso do nosso povo aqui, tanto do meu povo quanto de muitos povos que tem tanto no Piauí quanto nesse país aqui em que a gente enfrenta todo dia, a gente vai pra manifestação, faz manifes-*

to, faz passeata, faz tudo é porque as mulheres são as quem mais sofrem sem ter o seu território. Elas não podem criar, por exemplo, elas não podem criar galinha, gado, que a gente criava no Sangue, criávamos porco, ovino, caprino, muita galinha. Hoje a gente vê que pra comprar uma galinha custa muito caro. É cinquenta reais uma galinha aqui em Uruçuí e a gente tudo isso tinha. Pras mulheres esse sofrimento é maior porque a mulher é a dona da casa. Se ela não tem uma casa pra ela plantar um canteiro de cheiro verde, uma horta, o sofrimento é muito grande pras mulheres. É nisso que as mulheres, nós mulheres indígenas pensamos, na demarcação de território, é mais por isso. É pra gente ter aonde pegar o nosso alimento pra dá pra gente, pra dá pra alguém, pra gente, pra quem chegar. Porque lá no Sangue era assim. A minha mãe sempre criou muito porco, criou gado e tudo e a minha mãe nunca comprou nenhuma galinha, nenhum ovo. A minha mãe dava pra quem passava. A minha avó, todos os meus familiares. Então as mulheres são as maiores sofredoras. Por isso é que temos essa mobilização feminina, maior do que a masculina no povo gueguê, é porque as mulheres é quem mais sofrem.

Dan: *Eu mesma sou contra a demarcação da terra dado pelo estado, o INTERPI, porque é uma terra nossa. Ele não estar me dando, eu não sou posseira, eu sou dona. Por isso eu acho triste, quem tem que reconhecer a nossa identidade e devolver nossas terras de volta é a FUNAI. Não é o governador, nós não mora no território dele, nós mora no nosso território. E o governo federal quem deu a nossa terra, o governo do estado que deu a nossa terra. Tem que devolver pra nós. Eu sou a favor disso ai, a nossa luta continua. Como é que eu sou india, e ele vai me dar o título de uma terra? Sim, dividindo? E só dá se for em coletivo. Não. Nossa terra é terra. Índio só batia o pé no chão, esse pedaço é meu, esse pedaço é teu, é isso que minha mãe dizia. Por isso que nós queremos nossa terra, nosso território.*

Aramires: Sobre a demarcação, é muito importante, porque nós que estamos na cidade, nós vivenciamos as coisas da cidade. Nossos antepassados, alguns tentam deixar viva a memória, mas os novos que já vão nascendo, é muito pouco os que vão cultivando a identidade, a memória, e por pouco os que vão pegando a identidade e a memória, por conta de tá na cidade. Aí vão pra escola, vão aprendendo as coisas da escola, do curso, já vão se identificando com a cidade. Então a terra é importante pra gente poder voltar para as nossas origens. Voltar a terra, plantar, fazer a roda de toré, porque na cidade, na casa do seu Zé Guilherme tem um apoio, mas ainda não é como a gente queria né, o apoio da oca, as vestimentas, as pinturas, então com o território a gente pode voltar um pouco a isso.

Francisca Kariri: É uma garantia nos ter nossas terras demarcadas, que é a garantia que nós podemos trabalhar e nos organizar mais nossas conquistas e trabalhando a nossa cultura dentro do nosso próprio território.

175

Zabelê: De que forma os coletivos e as instituições parceiras colaboram na causa indígena?

Lucinete: Uma forma de colaboração que a gente recebe é a questão do apoio, as informações, as formações, a questão da parceria e o apoio, que isso é fundamental. A gente tem recebido tanto dos parceiros, das instituições, das ongs que trabalham com a gente. Isso é uma coisa muito boa que vem acontecendo. Com o poder público que a gente tem agora, de certa forma a gente tem uma abertura com o poder público municipal e também, falo no geral, da comunidade local, mas eu percebo que em outros municípios essa realidade é diferente e eu percebo que aqui na comunidade a gente tem uma certa abertura por conta das parcerias, dos conhecimentos que a gente já tem, mas

assim, a nível de estado eu percebo que é uma coisa meio que ainda muito acanhada. Falta muito essa parceria a nível de estado, de modo geral, no estado. Eu falo que aqui na minha comunidade essa abertura não é, assim, definitiva, ah, tá as mil maravilhas não, mas dá pra se conviver. Com relação à sociedade, ainda tem muito preconceito tanto a nível local como a nível geral, do estado. É muito preconceito ainda. Infelizmente se tem muito preconceito.

Dona Deusa: *O poder público do nosso município hoje nos apoia. Esse poder público de hoje nos apoia. Do município, do estado, a gente tem apoio. Nós temos apoio tanto do município quanto do estado. A sociedade, pra essa não tem indígena e a forma do apoio, é por que antes, a gente tem pouco apoio a gente tem pouco, a gente não conseguiu o nosso território ainda, então é muito pouco por parte do estado e do município, mas a um tempo atrás a gente não podia nem falar que era indígena e hoje, como teve uma assembleia e aqui, dia vinte e três, que passou agora, que hoje tá com oito dias, a assembleia, veja bem, a curiosidade dos vereadores que tem, meu irmão que é vereador, presidente da câmara de vereadores de Uruçuí, aonde que no passado o pessoal, a sociedade uruçuiense votava num indígena... não votaria. A gente era excluído da sociedade praticamente e hoje aí na nossa assembleia veio vários vereadores, recebemos Ministério Público, recebemos FUNAI. Isso é muito importante. Recebemos na nossa assembleia o prefeito municipal. Isso é muito importante. Como também recebemos o pessoal do governo, SEDUC. Isso é muito importante, então a visibilidade, a melhoria é isso, é porque hoje oi pessoal são mais atento a isso. Não tem mais aquele preconceito absurdo que tinha. Porque eu fui criada a onde tudo que falava indígena. A minha avó proibia a gente de falar que era indígena. Nós, os Gueguês não usamos cocá. A minha neta gosta de usar e tudo, eu não tenho jeito assim, eu tenho um cocá, mas você vê, eu não gosto de me pintar, porque a minha avó ensinou pra gente que não poderia*

usar isso porque já tinha tido um massacre dos Gueguês e ela tinha muito medo de alguém matar a gente. O meu tio José Pereira Borges, que era o irmão mais novo da minha mãe, hoje falecido, ele gostava de usar duas peninha de papagaio em todo chapéu dele. Ele usava umas peninhas do lado. Ele tinha essa mania e a minha avó achava ruim, com medo de reconhecerem ele e matarem ele.

***Dan:** Olha, o projeto que foi feito ele veio dos Estados Unidos, né? O projeto fizemos um levantamento dos Gamelas, Cabocos. A comunidade não aceitaram porque estavam pensando que era outra coisona e a gente pegou a nossa aluna da universidade, a Rebeca, hoje ela é a nossa vai ser a nossa pessoa, a nossa assessoria e tudo e aí a gente construiu pra nós foi uma grande parceria que destacou nas rede social. O nosso conhecimento dos caboclos dessa região. E eu tive várias entrevistas em todas rede social, Facebook e o Estado também. E para que a gente teve reconhecimento da vacina eu tive que fazer um vídeo e jogar nas redes social pedindo e no Ministério Público que a gente, precisava de ser vacinado no duro da pandemia. E que mandaram duzentas doses pra gente. Porque o projeto nós somos do município de Uruçuí e da Baixa Grande do Ribeiro. Ai, nós temos pessoas da Almesca de tem pessoas do Riachão dos Paulo, foram vacinados, primeira e a segunda dose, mas a juventude só tomou uma dose e as criança um e a população tem vez que só tomaram até a terceira, a quarta, até agora nada. Mas essa quarta dose eles não tomaram ainda não. Chegou não. Faltando ainda pra juventude. Terceira dose. A terceira ainda. Não foi. As crianças também não. Essas é a criança de três anos que vai sair agora né a gente espera e a gente teve muito da do pessoal da UESPI né nos ajudou com a Carmen, o João Paulo a APOIMNE a gente participava também de seminário, daqui pra Brasília a gente foi duas vezes durante a pandemia. Hoje os manifestos nas redes sociais ficam cobrando, e os índios. Cadê as autenticas social que não chegou até agora? Nós no*

sete de setembro nós lá, botando o Bolsonaro pra ir embora. Participando de todas as manifestações. No Acampamento Terra Livre nós fomos também. Hoje a gente foi respeitado, né? Hoje a gente pelo menos foi enxergado os pedidos e foi respeitado. Ai de quem mexer no índio hoje. Mataram Dom e Bruno, mas você viu? Quem se manifestou? Até do outro lado do país que fizeram manifestação, mais do que nós aqui. Mas nós estamos com Dom e Bruno no coração e que Deus bote eles no lugar, né? Que eles eram umas pessoas que deu o sangue pelo povo. E por isso e todos pedem justiça pra Dom e Bruno.

***Aramires:** Sobre o poder público, a sociedade, até que eles já compreendem porque vai a partir do ponto de vista da compreensão. Porque como eu já falei, tem algumas pessoas que se declaram pelo ter que elas vêm e às vezes as pessoas são um pouco rejeitadas, criticadas, tem essa dificuldade. Mas pelo poder público, eles apoiam, A gente tem a Associação dos Tabajkaras de Piripiri legalizada e aos poucos a gente vai conseguindo conquistar com o governo, com a FUNAI, como os órgãos competentes... O Cícero como presidente, ele faz isso muito bem, essa parte de captação de recursos.*

***Francisca Kariri:** Os parceiros são marcantes na grande história dos povos indígenas. Eles são quem nos ajuda a elaborar propostas, conhecer como chegar aos nossos direitos, aos poderes públicos, para que a gente pudesse cobrar; tanto em documento... e no que precisar. Nós temos gratidão aos parceiros que esses são grandes braço forte dos povos indígenas são os parceiros. Até hoje eles têm nos ajudado principalmente na questão da saúde, as vezes dar um carro que nós não tínhamos pra pegar um doente na comunidade. O poder público do nosso município é uma preocupação para nós. Nos vemos que o governo atual não ajuda os povos indígenas. Daqui pra frente nós não sabemos o que esse povo vai fazer por nós, mas vamos trabalhar e ver como as coisas fica para*

tirarmos as soluções daqui pra frente. Estamos aqui lutando, todo mundo junto e defendendo o que é de direito nosso pra que dias melhores podemos viver.

Zabelê: *Pra encerrar a nossa conversa conte um pouco mais sobre as mobilizações indígenas femininas no estado do Piauí.*

Lucinete: *Então, falando de conquista, dessa questão da mobilização das mulheres indígenas a gente percebe que em termos de participação, a gente percebe que as mulheres participam mais e as mulheres demonstram uma preocupação maior com essa questão de território. A mulher vê muito essa questão da casa, da família, do sustento da família, por ela está sempre uma maneira de tá ajudando no auxílio da família, né, porque a mulher, ela se preocupa mais. Não tirando a preocupação dos homens, né, mas a mulher, em si, ela se preocupa mais e assim, a gente percebe que esse âmbito, que está ganhando o movimento indígena, as mulheres estão se destacando. Elas estão buscando cada vez mais a questão da organização, lutando por melhoria na condição de vida na questão da saúde, da educação e na questão do território, né, porque são três coisas primordial na vida de nós indígenas. E assim, as mulheres elas buscam mais, de certa forma ela quer algo mais, de modo geral a mulher vem de destacando e muito, ela está sempre buscando algo pra fazer pra complementar e ela está sempre buscando formação e informação. [...] Um ponto que eu acho importante é essa contribuição que a mulher indígena tem na construção da família. Porque a mulher indígena, como eu já disse, ela está sempre buscando algo pra ajudar e assim, antes, aqui na minha região a sobrevivência era o trabalho na roça, era procurar oiticica, era catá mamona, apanhar o algodão, fiar o algodão, fazer a rede, a rede de três panos, pra vender pro atravessador e fazer também o lençol, a toalha, tudo isso com o algodão que ela mesmo fiava. Então essa era a fonte de renda que tinha. Aí por conta da*

falta de mercado, da falta de espaço de cultivo do algodão essa cultura, ela quase que desapareceu e assim, com essa questão da demarcação da terra, isso vai fortalecer, porque futuramente a gente pode estar voltando a produzir o algodão, voltando a cultura do fiar e a questão da tecelagem, é um ponto que por ser uma cultura indígena, se a gente tem esse território, ou seja, essa demarcação dessa terra, vai tá dando uma oportunidade da gente tá trazendo várias culturas que a gente praticava e que a situação fez com que desaparecesse, mas a gente vai ter como retomar essas culturas. Então essa questão do território ela vem somar muito na nossa vida, vem engrandecer os nossos fazeres do dia-a-dia como contribuição da renda diária pra dentro de casa.

Dona Deusa: *Sobre a mobilização feminina indígena o que eu conto, a história que eu conto é a seguinte. Estamos juntas. É uma mobilização intensa, não vamos parar por aqui. A gente vai ter essa mobilização até nós conseguir o nosso território. É uma mobilização que é para o bem, para o nosso povo, nossos filhos, nossos netos. Essa mobilização é pra servir não só pra nós, como pra todos que a gente conhece, pessoas que passam, como sempre foi assim. Com a minha avó, com a minha mãe, com as minhas tias no Sangue, é uma mobilização total. Elas tinham de tudo. Plantavam rocas, viviam da terra. A mobilização nossa não vai parar porque a gente precisa da mobilização pra poder voltar com a cultura indígena que nós tinha lá que elas faziam. Faziam camas, faziam até uma coisa que chama surrão, pra guardar farinha, da palha do buriti, tapiti... Tinha de tudo, peneira, casa de farinha. A minha avó tinha essa mobilização e ensinou pra gente. Então pra nós continuar com nossa cultura nós precisamos dessa mobilização feminina.*

Dan: *Nós estamos lutando pela terra educação e saúde. Que nós não temos infraestrutura que o índio precisa ter uma casa boa e o índio preciso ter*

uma casa, um banheiro dentro, deixar de ter casinha de palha. O índio também precisa da saúde de qualidade e também é educação. E nós precisamos lá no nosso território Gamela. Nós temos a professora indígena e o professor indígena. Nós precisamos de um colégio de qualidade [...] Em relação aos direitos, melhorou, né, porque melhorou porque a gente agora já é reconhecido. Mas nós tem muita coisa ainda pra melhorar. Pra melhorar muita coisa ainda barrada, né? Que a gente ainda tem que melhorar mais. As coisas eram desconhecidas. Em Uruçuí o índio servia de mangação, os caboclo. Hoje eles estão sabendo do território, do movimento que é indígena. E ainda tão desacreditado, você não viu aí os vereado? O tanto de vereador que tão por aqui, idoso, o prefeito foi chegar depois, daquele jeito... e ele ainda não é acreditado por nós, que nós somos uma entidade forte, um povo forte e reconhecido lá fora, em todos os lugares... Fomos índios e nós temos um grande povo. A nossa luta continua.

181

Aramires: Sobre a mobilização dos indígenas hoje, vendo no tempo de hoje e no tempo de antigamente, as mulheres estão mais independentes aos poucos, tão ganhando mais autonomia, sendo mais autônomas, estão ganhando espaço, saindo mais do canto da casa e saindo para o mundo para conquistar e, como se dizer, dominar a situação, porque por muito tempo os homens tomaram a frente. Aos poucos o grupo indígena, como temos a cacica Dona Raimunda, do bairro Floresta, a cacica Dona Socorro, dos Colher de Pau, aos poucos a gente vai ganhando os espaços, ainda em passos lentos, mas devagarzinho, como também já temos a Dejenane, do grupo de mulheres, representando na APOIMNE. Eu sou secretaria da Associação indígena. Participo nessa função e também temos a Sandrinha que é tesoureira. Estou falando assim, um pouco das mulheres. Mas aos poucos a gente vamos conquistando os espaços, tanto na igreja como nos trabalhos.

A demarcação do Território Indígena, na minha concepção, isso significa a retomada da vida: entrevista com as lideranças indígenas femininas do Estado do Piauí

Clarisse: O que estamos buscando é isso que eu já falei pra você. Uma máquina, um trator. Pra nos imediato é isso aí. Pra gradear a terra, pra nós plantar mandioca, plantar o feijão, gradear a terra pra nós poder produzir alguma coisa. Porque nós já estamos cansado. E a documentação da terra.

Francisca Kariri: Minha trajetória indígena é tudo isso que eu fiz, é tudo isso que eu faço, é tudo isso que eu deixo de fazer. É essa minha trajetória que não é fácil pra mim, de ser um mulé, mãe e cacica de uma comunidade indígena, isso é muito pesado! [risos].